

Repensando o design por meio da arte contemporânea: dualidade entre registro e obra

Júlia Coelho Kotchetkoff

Mestre, IAU-USP, <juliackoff@gmail.com>

Palavras-chave: Obra e registro, Arte e Design, Arte Contemporânea, Land Art, Robert Smithson

1. Introdução

Para se encontrar respostas para um campo, muitas vezes é válido pesquisar em outro. Diferentes visões fomentam o surgimento de possibilidades de interpretação antes não enxergadas. Sob tal ótica, este estudo cogita repensar a dualidade entre obra e suas representações no design, por meio da análise de como tal correlação é tratada na arte contemporânea. Em especial se observará a *land art*, que carrega intrinsecamente a relação entre os dois polos, uma vez que sua execução usualmente se dá em sítios distantes, de difícil acesso ao público, de modo que o contato com as obras normalmente somente pode ocorrer via representações. Para investigar com maior profundidade sobre o tema, se analisará o trabalho de um artista, Robert Smithson. A escolha deste personagem se deve ao seu modo especial de lidar com o tópico levantado: gerando um entrelaçamento entre registro, obra e registro que é obra; e entre o fazer e explicar o que faz. Além disso, por este profissional possuir muita produção nas formas escrita e fotográfica.

2. Metodologia

A metodologia consistirá na análise de bibliografia acerca da arte contemporânea, em especial utilizando Miwon Kwon; e do trabalho de Robert Smithson, particularmente por meio de Jack Flam. Na pesquisa se procurará correlações entre a arte contemporânea e o design, no que toca a relação entre obra construída e seus registros. Analisando tais aspectos, se elencará caminhos já percorridos pela arte e possíveis à prática do design, para possibilitar, neste último campo, novos olhares à representação de produtos e projetos.

3. Discussão

Uma vez que este estudo trata da relação entre obra física e os seus registros, é válido se questionar em que condições essa dualidade é necessária. Os registros são realizados tanto antes quanto depois da execução física da obra, a fim de guiar as atividades de projeto e construção, guardar memória e propiciar sua difusão.

Levantando dois casos em que a representação mostra-se fundamental, tem-se que, primeiro, para o intuito da divulgação, especialmente se necessita de registro quando o acesso à obra na forma material é difícil, e se deseja levá-la ao conhecimento de um grande número de pessoas. Segundo, para orientar as ações de projetar o documentar foi intensificado nas produções artísticas dos anos 1960 e 1970, quando as obras deixam de equivaler a objetos, obras terminadas, de modo que os processos passam a ser arte. Começa-se então a valorizar todas as etapas da elaboração de cada produto: os esboços, a instalação física e os registros que conversam com ela. Como o processo é transitório e não material, sua documentação começa a ser essencial para mantê-lo vivo, duradouro e acessível ao público. O vídeo e a fotografia, junto ao desenho, mais que retratar somente a realidade da obra final, passam então a fazer parte do conjunto da obra, equalizando sua importância com o objeto final.

O trabalho de Robert Smithson une tais duas últimas intenções do registro. Ele mostra estratégias possíveis para deslocar uma obra fixa em um sítio distante para próximo do público exatamente pensando em seus trabalhos, desde o início, a partir da interdependência entre os dois espaços, e utiliza-se do texto, da fotografia, dos desenhos e dos mapas de forma interligada e mesclada, de modo que as informações de um complementam o outro. O artista também tem como práticas simultâneas o fazer e o explicar, mesmo porque o processo também é parte integrante do conjunto da obra. Assim, ele está atento durante todo o período de execução, que também é período de projeto, ao que falta em uma forma de apresentação da obra que pode ser complementada por outra linguagem. E também reflete sobre os aspectos que somente são compreensíveis em uma delas, e os deixa ali então mais claros. Smithson também se preocupa em informar o contexto em que a obra foi pensada, o que lhe influenciou tanto enquanto profissional quanto na vida pessoal, de modo que a compreensão da obra seja mais completa.

O pensamento simultâneo de um projeto em sua existência física no lugar (*site*) e em outras formas de apresentação, uma vez que para Smithson não se trata de representação, traz ganhos de entendimento, complexidade e completude ao trabalho do

artista. É uma lógica que pode guiar a reflexão sobre a existência das obras de design não somente enquanto matéria, mas também enquanto discussão imagética, volumétrica ou textual sobre esta.

4. Conclusão

A estrutura criada por Robert Smithson, que relaciona *site* e *non site*, pode ser uma chave para se pensar, no design, a relação entre obras construídas e seus registros. A lógica de tal dualidade propõe uma maior valorização das representações dos produtos, de modo que estas sejam projetadas em conjunto com a obra em si, gerando, dessa maneira, um conjunto, e não somente mostrando-se como antecedentes ou comentários posteriores.

Referências

- Almeida, J. G. M. 2013. *Fotografia e práticas artísticas: os discursos dos artistas nos anos 1960 e 1970*. Tese (Doutorado em Artes Visuais) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.
- Archer, M. 2002. *Art since 1960*. Londres: Thames & Hudson.
- Boettger, S. 2002. *Earthworks: art and the landscape of the sixties*. Berkeley / Los Angeles: University of California.
- Castilho, J. 2011. *A fotografia entrópica de Robert Smithson*. Dissertação (Mestrado em Belas Artes) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.
- Elias, M.; Vasconcelos, M. 2009. *Desmaterialização e Campo Expandido: dois conceitos para o Desenho Contemporâneo*. In: Congresso LUSOCOM, 8º, Lisboa, Portugal.
- Ewbank, A. G. G. 2012. *Escritos de Robert Smithson*. Dissertação (Mestrado em Artes Visuais) – Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Flam, J. (Ed.). 1996. *Robert Smithson: the collected writings*. Berkeley; Los Angeles; London: University of California Press.
- Fogle, D. (Org.) 2003. *The Last Picture Show: artists using photography 1960 – 1982*. Minneapolis: Walker Art Center.

- Huginin, J. R. 2002. *It's Art, But Is It Photography? A Dialogic Essay on Robert Smithson's Photoworks*. In: U-TURN. Disponível em:
<http://www.uturn.org/Smithson2.pdf>.
- Kwon, M. 2004. *One place after another: site-specific art and locational identity*. Massachusetts: MIT Press.
- Prando, F. C. M. 2010. *Uma exposição do Projeto [PAISAGEM: FRONTEIRA]*. Dissertação (Mestrado em Artes Visuais) CEART/UEDESC, Florianópolis.
- Romeiro, B. 2009. *Nonsites: os limites do mapeamento*. In: Encontro da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas Transversalidades nas Artes Visuais (anpap). 18º. Salvador, Bahia.
- Stolarski, A. 2012. *Design e arte: campo minado, Uma antologia de discursos comentados e uma proposta disciplinar*. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo), Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo.